

OS PADRÕES DE APEGO PRESENTES NA RELAÇÃO PROFESSOR(A)-ALUNO(A)

Vitória Hellen T. De Andrade ¹

Pompéia Villachan-Lyra

Resumo

A teoria do apego vem de uma corrente da Psicanálise, e segundo Bowlby (1989), Almeida (2007) o conceito de apego pode ser traduzido por sentimento de afeição, de simpatia por alguém ou por alguma coisa. Apego significa vínculo afetivo ou ligação entre um indivíduo e uma figura de apego, existindo três padrões, sendo eles: o seguro, inseguro-ambivalente e inseguro evitante. Neste trabalho abordaremos a afetividade e o apego como um dos elementos necessários para a relação professor(a)-aluno(a), pois pode ser um fator a definir o bom desenvolvimento da criança. Considerando as ações que são realizadas na sala de aula pelo docente e os vínculos criados entre os indivíduos que interferem intimamente no processo de aprendizagem do educando, este trabalho tem por objetivo central identificar sinais e comportamentos de apego na relação professor(a)-aluno(a). Para consecução de tal objetivo, realizamos uma pesquisa exploratória por meio da observação direta e entrevistas aos docentes da educação infantil da rede privada. Concluímos que faz-se necessário o profissional exercer a pedagogia do amor e estar disposto a construir vínculos com seus estudantes, assim como uma relação de apego saudável.

Palavras chave: Neuropsicologia; padrões de apego; relação professor(a)-aluno(a).

Introdução

Este trabalho teve por objetivo central identificar se existem ou não sinais e comportamentos de apego na relação professor(a)-aluno(a) nas turmas da educação infantil com crianças de 2 a 5 anos (grupo 2 à grupo 5) da rede privada de dois municípios diferentes, por meio da observação da rotina e da sala de aula.

Bowlby (1984) afirma que "apego significa disposição forte em buscar e manter proximidade com alguém específico; o apego é contínuo e modifica-se apenas com o passar do tempo (um longo tempo) e é independente da situação" (p. 396). O autor explicita que tal relação tem papel fundamental no desenvolvimento da criança, pois se for uma relação de apego seguro, a criança sentirá firmeza para arriscar e se tornará autônoma em suas atividades

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, vtoriamuller20@gmail.com ;

Professora orientadora: Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Pompeialyra@gmail.com .

mas sempre contando com seu adulto de referência (figura materna/educador) para lhe prestar apoio quando necessário.

O autor também explicita que o comportamento de apego são as atitudes que uma criança tem para aproximar-se ou manter a proximidade com alguém, e como exemplo ele apresenta o chorar, agarrar, protestar, e para ele, tais comportamentos são situacionais, fazendo-se presentes ou não na relação diária. E o adulto de referência no ambiente escolar (educador) necessita estar atento para as necessidades das crianças ao mesmo tempo que proporciona liberdade para suas pequenas conquistas e seu desenvolvimento integral por meio da autonomia.

Por isso, é necessário observar tais comportamentos dentro da relação professor-aluno para constatar como os profissionais têm lidado com essa realidade em classe e esses padrões de apego vivenciados.

Para realização deste objetivo, foi feita uma pesquisa exploratória em duas escolas da rede privada, uma situada em Recife e outra na cidade de Olinda, nas quais para realizarmos a pesquisa, fizemos uso da observação direta e de entrevistas com 5 docentes da educação infantil.

Fundamentação Teórica

A afetividade se constitui como algo fundamental na relação professor(a)-aluno(a). Almeida (2007, p.17) define a afetividade como “ a capacidade, a disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”. O primeiro contato físico que a criança tem ao nascer é com a figura materna, a partir daí o vínculo afetivo se inicia ao longo da vida, ajudando assim na formação como ser humano, tornando um ser completo, autônomo e ciente das responsabilidades que o mesmo tem no decorrer de seu crescimento. Logo no caminhar do seu desenvolvimento, a criança passa a pertencer a um segundo grupo social, a escola. É nela que a criança constrói outros laços afetivos, um desses laços de afeto é com seu educador(a), pois torna-se sua referência na instituição escolar como também mediador de suas aprendizagens.

Porém, para que de fato este vínculo afetivo aconteça de maneira saudável, é necessário que o professor conquiste o aluno, dando-lhe carinho, atenção e principalmente respeitando as particularidades de cada sujeito. De fato, percebemos o impacto que o apego

causa desde a primeira infância até à vida adulta, pois sendo ele seguro ou inseguro, influenciará a visão da criança em relação ao ser humano, às expectativas de mundo, e de como ela acha que será aceita na sociedade. De acordo com Bowlby (1989), apego:

É qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo claramente identificado, considerado mais apto para lidar com o mundo. (p.38)

Sendo assim, o conceito de apego pode ser definido como um relacionamento no qual os sentimentos são mútuos e que possui a função de proteção e socialização do indivíduo, ou seja, a afetividade e o apego são elementos necessários na relação professor(a)-aluno(a), para que se desenvolva a confiança recíproca e como fator contributivo para o bom desenvolvimento da criança.

Em concordância, Villachan-Lyra et al (2014) afirma que nesta visão, o apego é concebido como um sistema aberto, composto por várias dimensões, tais como: (1) o uso da figura de apego como uma base segura, cuja presença favorece o comportamento exploratório da criança, (2) o uso da figura de apego enquanto promotora de conforto durante uma situação de medo ou tristeza, (3) comportamentos de sintonia emocional entre os parceiros diádicos, (4) busca de proximidade com a figura de apego (p.19). Os autores também defendem que esses vínculos afetivos são essenciais para um bom desenvolvimento da autonomia da criança.

No tocante a essas relações de apego, Villachan-Lyra et al (2017) explicita que em uma relação de apego segura, a figura de apego (mãe/cuidador(a) ou professor(a)/educador(a)) tende a encorajar o movimento exploratório da criança e, ao mesmo tempo, demonstra-se disponível às suas necessidades, caso esta se sinta ameaçada e precise do suporte. As autoras também explicam que dessa maneira, os(as) educadores(as) devem oferecer proteção à criança quando ela está sob circunstâncias por eles(as) avaliadas como ameaçadoras, favorecendo a realização de uma exploração segura.

A criança tende, então, a sentir-se encorajada, a ousar mais em suas brincadeiras, a lançar-se mais em situações concebidas como desafiadoras, uma vez que sente que pode contar com o(a) educador(a) quando estiver precisando de suporte. Assim, defendemos que: 1. uma boa inserção no espaço da creche no início da vida, 2. a construção de uma relação de confiança com o(a) educador (a) durante os anos da Educação Infantil e 3. a existência de um ambiente físico e socioafetivo rico em oportunidades e de boa qualidade, se apresentam como fundamentais para o bom desenvolvimento da criança. Além disso, será durante esses anos de sua vida que a criança irá construir uma primeira relação com o próprio ambiente escolar, devendo passar a percebê-lo como um ambiente agradável, prazeroso e seguro, repleto de boas e memoráveis experiências, e não como um lugar ameaçador e temido. (Villachan-Lyra et Al, 2017, p.74)

Autores como Almeida (2007), Bowlby (1989), dentre outros que nos ajudaram a refletir e compreender sobre o vínculo que se constrói entre discente e docente afirmam que ao considerarmos as ações que foram realizadas na sala de aula pelo docente e os vínculos afetivos criados entre os indivíduos notamos que estes interferem diretamente no desenvolvimento e no processo de aprendizagem do aluno, como também afirmam Villachan-Lyra et al (2017):

Um ambiente de relações estáveis, estimuladoras e protetoras favorece a construção de fundações sólidas para uma vida saudável e de um desenvolvimento adequado, sendo fundamental o estabelecimento e a manutenção de boas relações afetivas. (p.71)

Refletindo sobre a importância desse vínculo afetivo dentro do ambiente escolar, Santos e Villachan-Lyra (2019) defendem que as crianças se desenvolvem e aprendem na medida em que vivenciam novas experiências, através das relações humanas em uma determinada cultura, com costumes, valores e crenças particulares do seu grupo.

As autoras acrescentam também que acreditam ser importante o estabelecimento de uma relação de confiança entre a criança e o adulto, pois essa relação pode ser desenvolvida a partir de qualquer interação, sendo os contextos mais propícios às situações de cuidados, uma vez que esses momentos possibilitam o contato direto entre os bebês/crianças pequenas e os adultos. Corroborando com a importância dessa relação e sobre o profissional da educação, Oliveira (2017) afirma:

Ao lidar com esses diversos dilemas cotidianos, o(a) profissional empático(a) age com sensibilidade ao ponto de vista e à afetividade de cada criança, sem contudo desperdiçar a oportunidade de direcioná-las tanto quanto for preciso. (p.59)

Em concordância com Oliveira (2017) no tocante aos profissionais que estão na rotina escolar com as crianças, Villachan-Lyra et al (2017) defendem que a Educação Infantil é um direito da criança e sabendo que é nesse ambiente que ela passa boa parte do seu dia, é fundamental destacar a importância dos profissionais que lidam com o bebê e criança durante a primeira infância em instituições educacionais. As autoras explicitam que essa importância se dá no processo de construção de uma relação de confiança (relação de apego) que poderá influenciar toda a vida escolar da criança, principalmente no momento inicial de inserção ao ambiente educacional (p.72).

As autoras também explicam que uma das principais funções daqueles que se ocupam da educação na primeira infância consiste em promover um ambiente facilitador da construção do senso de conforto e segurança para o bebê e a criança pequena, que segundo as autoras, se dá por meio do relacionamento que estabelecem entre si, na rotina diária.

Acreditamos portanto que entender a relação de apego presente na relação professor-aluno é muito importante pois como afirma Santos e Villachan-Lyra (2019), as interações adulto/criança nos momentos de cuidados, chamados de atividades de atenção pessoal, possibilitam a construção de um senso de confiança e vínculo afetivo e que por vínculo afetivo/apego as autoras nos dizem que significa uma relação profunda, recíproca e relativamente duradoura que a criança estabelece com os seus cuidadores e em diferentes contextos, possibilitando segurança afetiva para o seu desenvolvimento integral.

Metodologia

Para a coleta de dados foram feitas observações em seis turmas da Educação Infantil, no grupo 2 e grupo 3 da escola do município de Olinda e do grupo 2 ao 5 na escola localizada no município de Recife. As observações foram divididas em três dias, no primeiro dia foram feitas as observações das duas turmas na escola localizada em Olinda e os outros dois dias para observar as quatro turmas da escola localizada em Recife.

Escolhemos a observação pois é o ponto de partida da investigação social, e ajuda o pesquisador, assim como ela também desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. (LAKATOS,2003).

O segundo instrumento utilizado foram as entrevistas estruturadas, que fizemos com todas as 5 docentes de todas as 6 turmas observadas. Com essas entrevistas e observações buscamos compreender se há um padrão de apego na relação professor(a)-aluno(a) dessas turmas e como as(os) professoras(es) lidam com questões de autonomia e afetividade em sala de aula.

Análise e discussão dos dados

Iniciando pela escola privada localizada no município de Olinda, de acordo com a professora do infantil 2 e 3, os alunos são muito pequenos e precisam ter uma recreação

construtiva, que ofereça meios para que eles se tornem autônomos. Considerando o professor como um dos grandes responsáveis pela autonomia das crianças, ela afirmou que é necessário que o professor esteja sempre apoiando a criança em suas decisões, e deixá-la livre para brincar e se desenvolver em seu próprio tempo. Um momento no qual essa fala ficou evidente, foi um ensaio para a festa de Natal, onde a professora deixou os alunos(as) organizados em fila, pedindo para que os mesmos(as) fizessem os passos de dança sozinhos(as), de forma autônoma, realizando assim uma atividade anteriormente ensinada. A professora afirmou, à princípio, que não possuía alunos preferidos e que ela buscava se enquadrar a cada um dos alunos, entretanto, em seguida nos relatou que possuía um vínculo mais forte com uma discente, visto que a estudante era muito pequena, logo, ela era mais dependente da sua presença.

Em relação a alunos com comportamentos agressivos, ela disse que alguns possuíam esse tipo de comportamento em alguns momentos da rotina em sala e que ela buscava dar amor a eles, pois alguns tinham comportamento agressivo devido a separação dos pais e de alguns filmes que eles assistiam em casa, informação essa que a professora obteve na reunião que teve com os pais. Para resolver essa questão da agressividade a professora defendeu o ensinar do amor, demonstrando com atitudes no cotidiano.

Fazendo um comparativo com as alegações da professora, pudemos observar que, em situações de perigo/desafio, como por exemplo ao cair, a criança recorria à professora, e não à auxiliar, e pudemos perceber que com a professora os discentes possuíam uma relação que em qualquer desafio os mesmos a viam como alguém que se pode contar. No entanto, em outros momentos como na hora da brincadeira, do lanche e do parque pudemos notar também uma relação de carinho da parte dos alunos para com a auxiliar, eles a queriam por perto, e em um exemplo, alguns alunos trouxeram flores tanto para a professora, quanto para a auxiliar.

Em relação à questão da autonomia das crianças, foi perceptível que, ao longo das atividades realizadas e do recreio, a professora deixava os alunos à vontade para descobrir e aprender através do brincar, assumindo então um papel de mediadora. Em uma situação observada, por exemplo, as crianças foram fazer uma atividade de construir a vogal “O” numa folha usando tinta. A professora mostrou como realizar a atividade passo a passo, e progressivamente os estudantes faziam a atividade, onde a mesma tirava as dúvidas e dificuldades que surgiam. Enquanto ela observava, percebeu que alguns alunos tiveram dificuldades, eles solicitaram sua ajuda e ela os auxiliou a concluir a atividade.

Em relação à segunda escola, localizada em Recife, a turma do grupo 2 apresentava um número total de 12 alunos, dos quais todos estavam presentes no dia. Nesta turma a professora alegou que os alunos quando iniciavam suas aulas chegavam muito “verdinhos”, ainda usando fralda, chupeta e cabia a professora, com a rotina, ir acostumando-os a desenvolver hábitos autônomos. Ela relatou também que desde o magistério optou por não ter alunos preferidos, mas sim acolher todos com o mesmo carinho e atenção.

Ainda no grupo 2, fazendo um comparativo com as alegações da professora, pudemos observar que, em situações de perigo/desafio, as crianças recorriam à professora ou à auxiliar, que sempre estavam abertas a recebê-los. Já em relação à questão da autonomia nas crianças, foi possível constatar que a professora permitia aos alunos que realizassem as atividades de forma autônoma.

Em relação à turma do grupo 3, apresentava-se um número total de 14 alunos, dos quais 13 estavam presentes no dia. Nesta turma a professora alegou que para tornar seus alunos autônomos seria essencial criar uma rotina que visasse transformar as crianças em cidadãos. Para tal, ela alegou trabalhar a questão da psicomotricidade e afirmou que cada aluno chama atenção com suas características particulares, sendo que ela se identificava com cada um deles por motivos diferentes relacionados a essas particularidades. Em relação à questão da agressividade, a professora alegou que é comum a disputa por espaço para ficar mais próximo a ela e a disputa pelo afeto dela, em alguns casos com alunos que tentavam se destacar dos demais com essa finalidade, porém os alunos não utilizavam violência. Ainda no grupo 3, fazendo um comparativo com as alegações da professora, pudemos observar que, em situações de perigo/desafio, no geral a professora conseguiu manter o controle da turma, mesmo quando ocorria alguma situação de perigo/desafio, mas caso não conseguisse lidar com alguma questão específica ela pedia ajuda a sua auxiliar de classe, e se fosse uma situação mais desafiadora, ela chamaria a psicóloga da escola.

Em relação à questão da autonomia nas crianças, as crianças pegavam seus materiais em sala de aula e se organizavam sozinhos para realizar as atividades. A professora só interferia quando notava que havia algo de errado, estimulando a busca das crianças pelo conhecimento por meio de ações autônomas como essas citadas acima. A professora era uma figura essencial, aparentando ser de grande confiança para as crianças, sendo visível nos alunos sinais de autonomia como guardar seus brinquedos em suas mochilas, ajudar a arrumar a sala ao sair para o recreio, escolherem a fruta que gostariam de comer naquele dia, entre outros. As relações entre os colegas no grupo 3 eram, no geral, relações saudáveis, onde eles

se estimulam de forma afetuosa, se abraçavam, dividiam brinquedos e sentavam juntos para a atividade seguindo o modelo da professora, mas algumas vezes foi possível verificar níveis de competição pela atenção e afeto das professora e até mesmo entre eles, como ver um coleguinha tendo atenção e ir para junto para chamar a professora, ou pegar algum brinquedo e fazer barulho para ela ir até ele, etc.

Em relação à turma do grupo 4, apresentava-se um número total de 16 alunos, dos quais 14 estavam presentes no dia. Nesta turma a professora relatou que construía a autonomia baseada em um cotidiano criado por meio de um roteiro com a finalidade de trazer segurança a seus discentes, inclusive combinando esse roteiro com eles. A professora relatou que alguns alunos eram difíceis de lidar, ela relatou também que em alguns momentos da aula alunos apresentavam um comportamento no qual “A” teve ataques de choro, quando suas expectativas não eram atendidas, e “B”, apresentando ocasionalmente algumas situações de desentendimento que ela tinha que interferir junto com sua auxiliar a fim de solucionar. Ainda no grupo 4, fazendo um comparativo com as alegações da professora, pudemos observar que a mesma ajudava quando os alunos sentiam alguma dificuldade, mas também contava com a auxiliar nesses mesmos casos. Em relação à questão da autonomia nas crianças, a professora os instiga através de atividades. Um exemplo foi a atitude de um discente que chegou até a professora e demonstrou seu desempenho na atividade de matemática, na qual ambos construíram juntos, mas a resposta da questão veio individualmente do aluno, trabalhando justamente a sua autonomia.

A professora era uma figura de confiança para os alunos, tendo em vista que em situações complexas que requerem maior desempenho do aluno, eles recorriam a ela. As relações entre os colegas no grupo 4 ocorriam de uma forma saudável, na qual eles construíram conhecimento junto e aprendiam brincando, embora tenha ocorrido alguns desentendimentos, mas que são naturais nessa idade.

Em relação à turma do grupo 5, a mesma apresentava um número total de 18 alunos, dos quais todos estavam presentes no dia. Nesta turma a professora alegou que acredita que a criança não deve ser forçada, mas cabe ao professor fazer com que as crianças se encantem pelo aprendizado, priorizando o gosto delas e o que elas conhecem. Por exemplo, a professora relatou que, todas as sextas-feiras, havia o dia do brinquedo, no qual a criança trazia um brinquedo que gostava para ser trabalhado em sala de aula com atividades pertinentes ao desenvolvimento. A professora declarou que não tem alunos com os quais ela mais se identificava, todos estão juntos desde o grupo 1, o que facilitava a relação professor/aluno.

Segundo a docente, um dos alunos dessa turma possuía hiperatividade e contexto familiar delicado, o que o compelia a ter relações conturbadas em sala de aula com os demais alunos. Já outro aluno, tinha um problema de não verbalizar, dificuldade com barulho e não gostava de interagir em grupos, no entanto, tinha muita facilidade em aprender, pois respondia a todas as questões propostas nas atividades. Ainda no grupo 5, fazendo um comparativo com as alegações da professora, pudemos observar que, em situações de perigo/desafio, os discentes tinham a quem recorrer. Na sala foi possível observar duas situações, na primeira delas, um aluno estava assustando outra aluna e gritando com ela, então a professora parou a aula para afastá-los; já em uma segunda situação, uma aluna caiu da cadeira e calmamente a professora a levantou e a aluna não chorou em nenhum momento.

Em relação a questão do estímulo da autonomia nas crianças, pudemos notar contribuição até mesmo do ambiente da sala de aula, pois por ser uma sala aberta, permitia aos alunos sentirem o contato com a natureza e fazer rodinhas no chão, nas quais eles sentavam onde preferiam e conversavam sobre vários assuntos, havendo uma sensação de liberdade. A professora era uma figura de confiança para os alunos pois ela era a guia do aprendizado dos discentes e todas as crianças se sentiam confortáveis e recebiam carinho ao estar próximo a ela, até mesmo na hora do recreio queriam a presença dela para mediar suas brincadeiras. Nas relações entre os colegas no grupo 5, 3 alunos não tinham uma boa relação com os colegas, todos os demais sentavam em grupos de 4 nas mesas, apenas as 3 crianças sentavam-se em mesas separadas dos demais, mesmo a professora tentando integrá-las, não obteve êxito (até o momento desta observação).

Foi possível observar em ambas as escolas que havia uma relação saudável e edificante dos professores com seus alunos, isso porque os professores representavam um porto de confiança para as crianças e, também, auxiliavam-as sempre que precisavam. Um dos exemplos desse momento de relação edificante construída com base na confiança ocorreu na escola de Olinda, na qual duas alunas entraram em conflito por uma boneca que pertencia a uma delas. A dona da boneca recorreu à professora para reaver a mesma, a professora explicou a importância do compartilhar e após isso, a criança devolveu a boneca para a dona e logo depois as duas estavam brincando juntas.

O fato dos alunos poderem recorrer às professoras em qualquer conflito que enfrentavam em sala, foi um demonstrativo dessa relação de confiança estabelecida e como se faz importante o afeto e o desenvolvimento do apego seguro nas salas de aula e na relação professor(a)-aluno(a). Na fala de uma das docentes, colhida no momento da entrevista na

escola de Recife, ela expressou: “Desde minha formação eu optei por não ter aluno favorito, mas enxergar todos os meus alunos como favoritos, para que todos eles tivessem o mesmo carinho e atenção.”.

Conclusão

Em virtude dos fatos observados, extraímos que é de grande importância a questão da afetividade e do vínculo que o profissional da educação deve ter com as crianças, visto que a sala de aula não é homogênea, existindo assim uma diversidade no que se refere aos educandos.

Logo, o pedagogo(a) deve ter um olhar minucioso para as particularidades de seus alunos(as) para que o mesmo(a) possa conhecer cada um com profundidade, sabendo que é no cotidiano escolar que se iniciam relações afetivas que culminam nesse conhecimento.

Como resultado observamos não apenas um ambiente saudável e um bom relacionamento entre professor e aluno, mas também, entre os colegas. Concluímos pois que é essencial a todo docente ter desejo de ensinar e ser um profissional amoroso, para que assim consiga transmitir amorosidade (que é um dos primeiros passos para a construção do vínculo afetivo saudável), pois isso contribui na aprendizagem dos discentes. E, a criação de um laço de confiança gerada entre professor(a)-aluno(a) facilita e potencializa o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças do ponto de vista intelectual, emocional e cognitivo no contexto escolar.

Referências

- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. MAHONEY, Abigail Alvarenga. **Afetividade e aprendizagem: contribuição/4s de Henri Wallon**. São Paulo –Editora Loyola, 2007.
- BOWLBY, J. **Apego e perda**: 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- BOWLBY, J. Uma base segura. **Aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre, Artes, Médicas, 1989.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica 1** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.
- OLIVEIRA, E. **O papel da empatia na creche brasileira**. In *Bebês na creche / organizadores: Cesar A. Piccinini...[et al.]*. Curitiba : Ed. Juruá, 2017. (p.55 -65)
- SANTOS, M.e VILLACHAN-LYRA, P. **Desafios da pesquisa em contexto de acolhimento institucional de bebês: uma proposta metodológica à luz da abordagem pikler**. In *Interação social e desenvolvimento humano [recurso eletrônico] / organizadores : Edclécia Reino Carneiro de Moraes... [et al.]*. – Recife : Ed. UFPE, 2019. (p.119-141)
- Unipacto. **A importância da relação professor-aluno**. Disponível em: <http://www.unipacto.com.br/revista2/arquivos_pdf_revista/a_IMPORTANCIA_da_relacao.pdf>. Acesso em 11 de janeiro de 2021.
- VILLACHAN-LYRA, P et al. **Algumas contribuições da neuropsicologia e da psicologia do desenvolvimento para o campo da educação infantil: o papel das relações afetivas**. In *Bebês na creche / organizadores: Cesar A. Piccinini...[et al.]*. Curitiba : Ed. Juruá, 2017. (p.67-79)
- VILLACHAN-LYRA, P. et al. **Investigações das Relações de Apego à Luz da Teoria dos Sistemas Dinâmicos**. In *Novas Tendências em Psicologia do Desenvolvimento: Teoria, Pesquisa e Intervenção / organizadoras: Karina Moutinho...[et al.]*. Recife : Ed. UFPE, 2014. (p. 03-27)